

## **VACAS PROFANAS: ALTERIDADE E VALORAÇÃO COM/PELO CORPO FEMININO NO CARNAVAL DO RECIFE**

### **UNHOLY BITCHES: OTHERNESS AND VALUATION WITH/FOR THE FEMALE BODY IN RECIFE BRAZILIAN CARNIVAL**

### **VACAS PROFANAS: ALTERIDAD Y VALORACIÓN CON/PARA EL CUERPO FEMENINO EN EL CARNAVAL DE RECIFE**

Alixandra Guedes Rodrigues de Medeiros e Oliveira (UFPB-Capes)  
alixandragm@gmail.com

Maria de Fátima Almeida (UFPB)  
falmed@uol.com.br

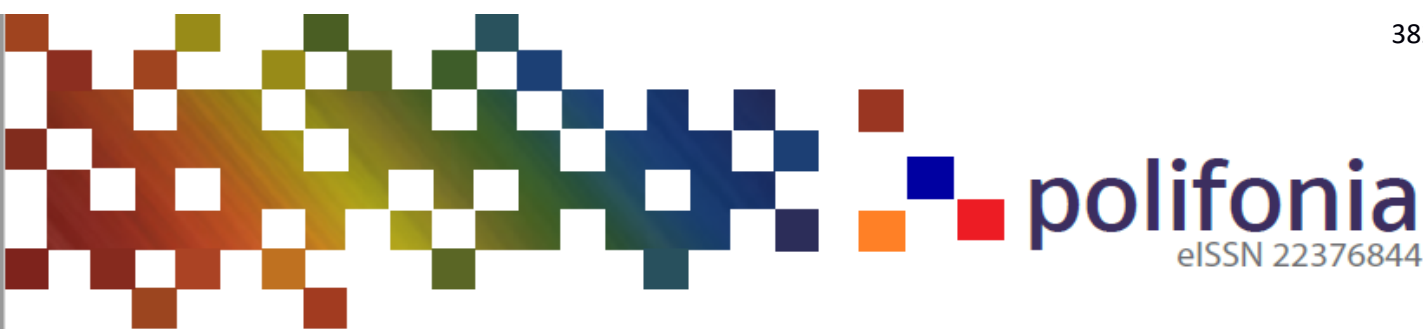
#### Resumo

Por todo transcurso da história da humanidade, ao gênero feminino foi atribuído o papel de procriar, cuidar do lar e contribuir financeiramente para a estabilidade da família por meio de jornada dupla, ou tripla, de trabalho. A mulher existe, desse maneira, submissa ao gênero masculino que, por sua vez, é enaltecido pela sociedade machista e misógina. A partir de diversos movimentos sociais, a exemplo das lutas libertárias da década de 1960, o sujeito mulher passa a reivindicar os espaços sociais, constituindo-se na valoração oriunda do processo de alteridade. Exemplo recente da luta das mulheres por respeito à sua existência foi realizado pelas integrantes o bloco carnavalesco “Vacac profanas”, durante o período de carnaval, desde o ano de 2015, em que as participantes brincam o carnaval com os seis a mostra, ou utilizando tapa-tetas. A partir desse panorama, tencionamos investigar as várias vozes constituintes do discurso jornalístico e como o processo de dialogismo aponta para a (possível) constituição da valoração e da alteridade do sujeito mulher. Formam o conjunto de dados de nossa análise quatro títulos de notícias *on-line*, oriundas de portas nacionais e estaduais, todos referentes ao carnaval ocorrido no mês de fevereiro, do corrente ano, na cidade de Recife (PE) e, para tanto, buscamos apoio na Análise Dialógica do Discurso. Acerca do resultado da análise, identificamos, por meio da premissa dialógica sobre a linguagem, que as notícias selecionadas veiculam vozes estabelecidas socialmente nas mais variadas esferas discursivas. Constatamos, ainda, a evidência do tom valorativo como instrumento de fortalecimento das relações de alteridade que visam à resistência ao preconceito e machismo históricos, naturalizados em nossa sociedade.

Palavras-chave: mulher, notícias, valoração.

#### Abstract

Throughout all human history, the female gender has been assigned the procreating role, caring for the home and financially contributing to the family stability through a double, or triple, workday. The woman is, in this way, submissive to the male gender, which, in its turn, is praised by the macho and misogynistic society. From several social movements, like the libertarian struggles of the 1960s, the woman subject starts to claim social spaces, constituting the valuation that comes from the otherness process. A recent example of women respect struggle to



their existence was carried out by the Brazilian carnival block “Vacac profanas” members, during the carnival period, since 2015, in which the participants play carnival topless, or using pasties. From this panorama, we intend to investigate the various voices that make up the journalistic discourse and how the process of dialogism points to the (possible) woman subject valuation and otherness constitution. Our analysis data set comprises four online news headlines, coming from national and state portals, all referring to this year February carnival took place in Recife city (PE) and, therefore, we seek support in Dialogical Analysis. Regarding the analysis result, we identified, through the dialogical premise on language, that the selected news convey socially established voices in the most varied discursive spheres. We also found evidence of the evaluative tone as an instrument to strengthen the relationships of otherness that aim to resist historical prejudice and machism, naturalized in our society.

Keywords: woman, news, valuation.

### Resumen

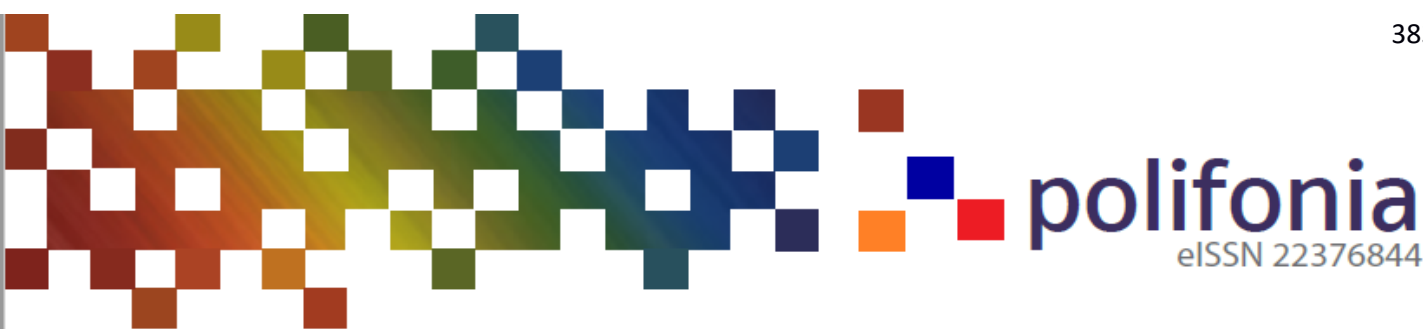
A lo largo de la historia humana, al género femenino se le ha asignado el papel de procrear, cuidar el hogar y contribuir financieramente a la estabilidad de la familia a través de un día de trabajo doble o triple. De esta manera, la mujer existe, sumisa al género masculino, que, a su vez, es alabado por la sociedad machista y misógina. Desde diferentes movimientos sociales, como las luchas libertarias de la década de 1960, el sujeto femenino comienza a reclamar espacios sociales, constituyendo la valoración que proviene del proceso de alteridad. Un ejemplo reciente de la lucha de las mujeres para respetar su existencia fue llevado a cabo por los miembros del bloque de carnaval "Vacac profanas", durante el período de carnaval, desde 2015, en el que los participantes juegan al carnaval con los seis expositores, o usan pezones. Desde este panorama, tenemos la intención de investigar las diversas voces que componen el discurso periodístico y cómo el proceso de diálogo apunta a la (posible) constitución de la valoración y la alteridad del sujeto femenino. El conjunto de datos de nuestro análisis comprende cuatro titulares de noticias en línea, procedentes de puertos nacionales y estatales, todos referidos al carnaval que tuvo lugar en febrero, este año, en la ciudad de Recife (PE) y, para esto, buscamos apoyo en el análisis del discurso dialógico. Con respecto al resultado del análisis, identificamos, a través de la premisa dialógica sobre el lenguaje, que las noticias seleccionadas transmiten voces establecidas socialmente en las más variadas esferas discursivas. También encontramos evidencia del tono valorativo como instrumento para fortalecer las relaciones de otredad que apuntan a resistir los prejuicios históricos y el machismo, naturalizados en nuestra sociedad.

Palabras clave: mujer, noticias, valoración.

## 1. Introdução

No transcurso das atividades diárias evidenciam-se as mais diversas situações conflituosas que se estabelecem entre os sujeitos no processo de interação, resultantes não apenas da linguagem, mas de forças exteriores ao discurso, delimitadas por posições sociais e ideológicas instauradas no trajeto da interação verbal configurando-a como uma verdadeira arena onde a oposição e a contestação dos diferentes discursos são consolidadas.

Um dos defensores mais ávidos de que a linguagem está fortemente relacionada ao aspecto social foi Mikhail Bakhtin. Para o filósofo russo, a compreensão sobre a linguagem concretiza-se relação entre os sujeitos, posto que esta o determina e o empodera em suas ações. A linguagem é um fenômeno sócio-histórico e, por isso, ideológico, empregado para reafirmar



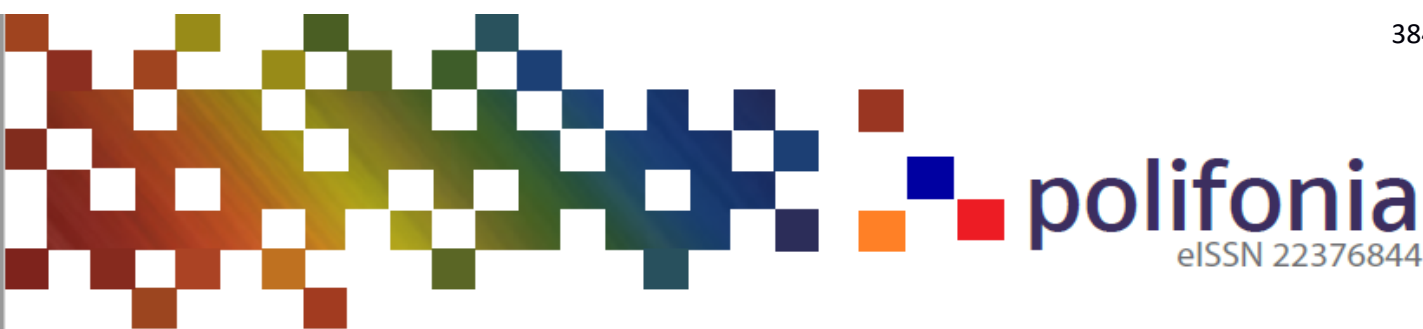
e estabelecer poderes. É mediante a interação verbal vinculada à situação social, ampla e imediata, que se constitui a realidade da língua, a produção da linguagem e a constituição dos sujeitos, por meio das marcas discursivas instala-se a heterogeneidade linguística.

Assim, é inexequível pensar as relações humanas fora do escopo das relações sociais, uma vez que a vida é, por essência, dialógica, polissêmica e polifônica. Dessa maneira, as práticas sociais estão unidas às práticas discursivas, que abarcam a produção, a distribuição e o consumo de textos. Na visão bakhtiniana, o texto congigura-se como um dado primário dos estudos linguísticos, filológicos e literários, sendo ele que possui a característica de ser uma intenção comunicativa transmitida pelo sujeito/autor, isto é, o texto é o cerne de toda investigação sobre o homem e o processo de materialização do enunciado. “Só o enunciado tem relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito) [...] Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, betc.” (BAKHTIN, 2011, p. 328, grifo do original).

Isto posto, organizamos nosso trabalho em seis seções, contando com esta introdução e as considerações finais, a saber: na segunda seção, apresentamos uma breve discussão teórica sobre os conceitos de dialogismo, enunciado e responsividade; na terceira, refletimos sobre as categorias bakhtinianas de valoração e alteridade; na quarta, identificamos alguns características sobre o gênero notícia e traçamos um breve histórico sobre o Bloco Vacas Profanas; na quinta seção, apresentamos a análise por nós empreendida relativa à presença da alteridade e do tom valorativo nas quatro notícias selecionadas; e, por fim, as considerações acerca do trajeto da análise.

## 2. Dialogismo, enunciado e responsividade

Sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), o entendimento sobre a língua é o de que ela é um resultado, não acabado, da vida verbal em determinados contextos de interação social. Segundo Sobral (2009, p.35-37), é preciso considerar a existência de três planos distintos para que se efetive a compreensão acerca da definição de dialogismo. O primeiro plano aponta que o dialogismo designa a condição de ser e agir dos sujeitos,



considerando-os para além de seu aspecto biológico, pois a existência se dá no processo de interação com o outro.

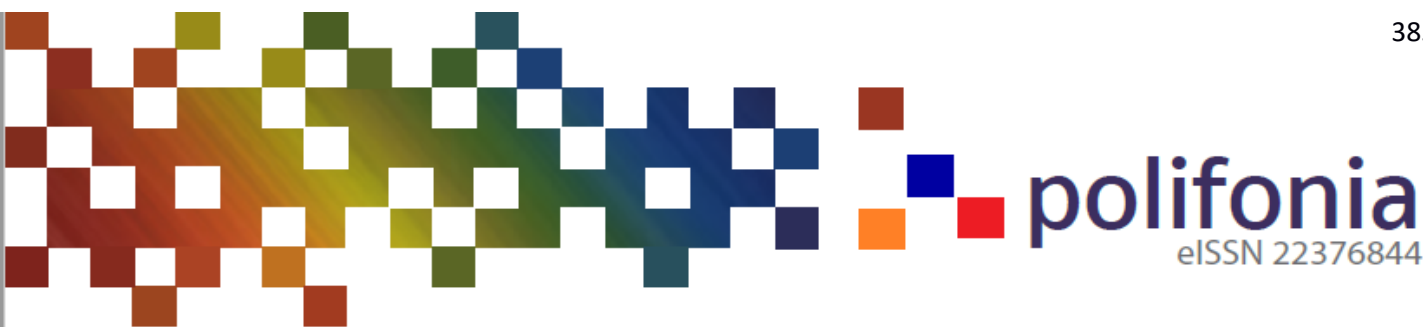
Em segundo plano, está a condição de possibilidade do dizer, de onde pode-se compreender que os sentidos são gerados no interior das interações já produzidas e daquelas que virão a se concretizar. Por fim, o terceiro plano evidencia que o dialogismo é a cerne que fomenta a produção de enunciados e discursos, posto que, até mesmo quando há um nível insipiente de interação (monólogo) ocorre dialogicidade, pois a simples menção a uma verdade anterior já é fonte de um dizer posterior.

Sendo assim, compreendemos junto a Bakhtin (2011), que o dialogismo remete a uma tríade em que além do autor/falante e do leitor/ouvinte, há vozes que perpassam a palavra encontrada anteriormente pelo autor. Logo, no transcurso da interação dialógica, o enunciado apresenta como suas partes integrantes um *projeto* (a intenção do dizer), um *autor* (o sujeito) e a *execução* (a realização por parte do sujeito de sua própria intenção).

Nesse sentido, o enunciado configura-se como a efetiva unidade da comunicação discursiva e presume dois critérios: a *alternância dos sujeitos*, que definem seus contornos, já que “num dado momento, todo enunciado chega ao fim, e dá então lugar à compreensão responsiva ativo do leitor” (SOBRAL, 2009, p. 92) e o *acabamento do enunciado*, que indica que o sujeito conclui seu projeto enunciativo dando espaço para a enunciação do outro.

Em ambos os aspectos supracitados, a presença do outro é inevitável. Esta condição traz à tona a natureza ativamente responsiva do enunciado, que demanda de [sua compreensão](#) uma resposta e o um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272). O conceito de responsividade elaborado por Bakhtin (2010) nasce na existência dos sujeitos e na condição indissociável que existe entre *responder* e *responsabilizar-se* por uma resposta, do lugar único que ocupa, ele (o sujeito) confere acabamento e assinatura às suas ações e é este assinar que fomenta às possibilidades de resposta.

Dessa forma, faz parte da natureza ativamente responsiva do enunciado a condição ética evocada por Bakhtin. Conforme o pensamento do filósofo russo, encontramos-nos em constante relação com o outro – seja ele um único ser ou o ser social – colocamo-nos em infinita interação, como um constructo. É nessa correlação que os sujeitos se arvoram em um processo que não



emerge de suas próprias consciências, mas das diversas relações sócio-histórico-culturais situadas. Esse processo se dá numa (re)ação do sujeito quando ocorre a compreensão, pois

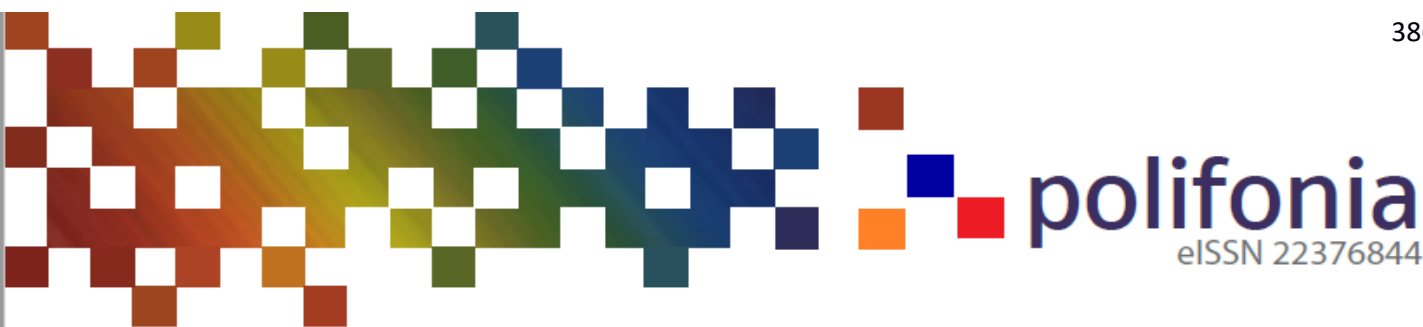
O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatoria singularidade. É essa afirmação do *meu não-alibi no existir* que constitui a base da existência sendo dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado (BAKHTIN, 2010, p. 99, grifo do autor),

de maneira que, ter uma atitude responsiva, significa assumir para si, e frente ao outro, uma postura de resposta e de responsabilidade ética, dado que o lugar que o eu ocupa é único e singular, porque “ser realmente na vida significa agir, é não ser indiferente ao todo na sua singularidade” (BAKHTIN, 2010. p. 99).

### 3. Sobre a alteridade e o tom valorativo

Após reconhecermos a essência dialógica da linguagem, situamos dois dos conceitos mais caros à teoria dialógica do discurso neste trabalho, o de alteridade e o de valoração. É em *Para uma filosofia do Ato Responsável* (2010) que Bakhtin nos apresenta o conceito de alteridade ao abordar o princípio da responsividade inerente a todas as relações dialógicas. Ao reconhecermos o Outro, a alteridade se estabelece numa relação de não indiferença com a vida do outro, como o nosso contemporâneo, num jogo instável, com a singularidade. Nesse processo, o Eu coloca-se na interação, não como um construtor e sim como um constructo, assim é um Eu que é pensado pelo Outro.

É na relação de alteridade que os sujeitos se fundam num processo que não tem início em suas próprias consciências, mas que surge da profusão das relações sócio-históricas vivenciadas. A alteridade é inerente ao próprio ser, está contida no ser antes de tudo, porque o próprio ser é constituído por ela, e evidencia-se por meio da experiência discursiva que “se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2011, p. 294). Emanando desta relação eu-Outro-Outros, em espaços discursivos sócio-histórico-culturais, a possibilidade de ampliação dos horizontes dos sujeitos, que ocorre no desdobramento dos lugares enunciativos, na multiplicidade das vozes, entre o que é dito e como se diz. Nessa perspectiva, é impossível pensar o homem destituído das relações que o ligam ao Outro.



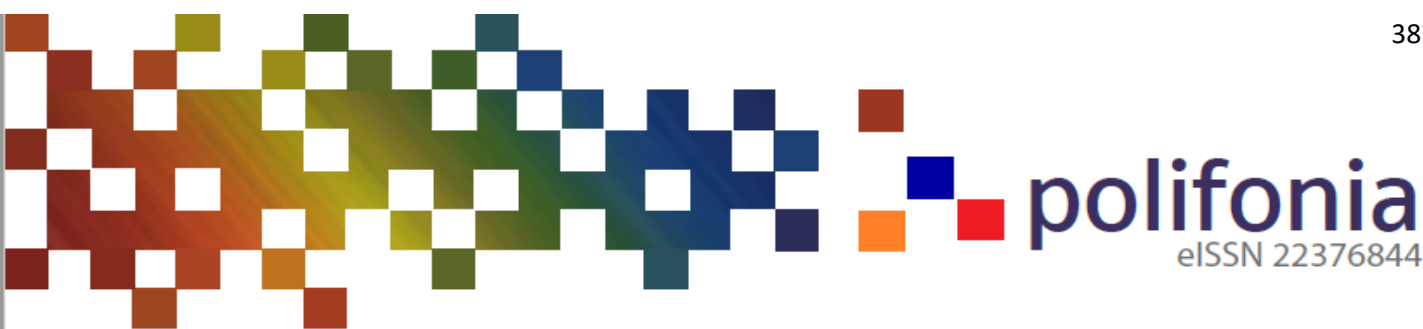
Nesse movimento dialógico, o Outro não é somente o interlocutor imediato ou virtual. É muito mais. O outro se projeta a partir de discursos variados (passados, atuais, presumidos). São as outras vozes discursivas - posições sociais, opiniões - que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção. Com isso, o Outro se apresenta em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá; constituindo um princípio de alteridade.

Há em Bakhtin (2011, p. 114-115) uma passagem sobre o vivenciamento ativo do Eu que, a nosso ver, sintetiza bem a conceito de valoração deste autor, servindo de referência para a nossa explanação neste tópico.

Tendo da minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa não da parte do seu conteúdo presente, tomado isoladamente, mas da parte do seu sentido antedado e do objeto, isto é, da parte do que assimilou o surgimento dele em mim, e assim torno a renovar o antedado de cada vivência minha, reúno todas as minhas vivências, reúno a mim todo não no passado, mas no futuro eternamente vindouro.

Depreendemos o quanto esta passagem de *Estética da criação verbal* explica o sentido de valoração e o faz tomando como referência a própria noção de dialogismo. O fragmento nos permite compreender que as axiologias, os pontos de vista ou os valores estão intimamente ligados ao histórico e ao seu evoluir. Em outras palavras, o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica; valorar significa, portanto, dar o seu “aroma” às formas de interação verbal, “uma vez que não se trata do valor da vida para mim, mas do meu próprio valor para mim mesmo [...], eu suponho esse valor no futuro eivado de sentidos” (BAKHTIN, 2011, p. 112).

Sob essa ótica, o vivenciamento torna-se lembrança axiológica quando se refere ao caráter dialógico da linguagem. O substantivo *lembrança* usado por Bakhtin (2011) cumpre com o papel de afirmar que há “rastros” de sentidos atravessando as experiências de linguagens dos sujeitos sociais. Esses “rastros” podem ser apreendidos por meio da entonação, do estilo e do gênero escolhido para compor o ato enunciativo. Nos termos do autor, “a relação valorativa do falante com o objeto (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289).



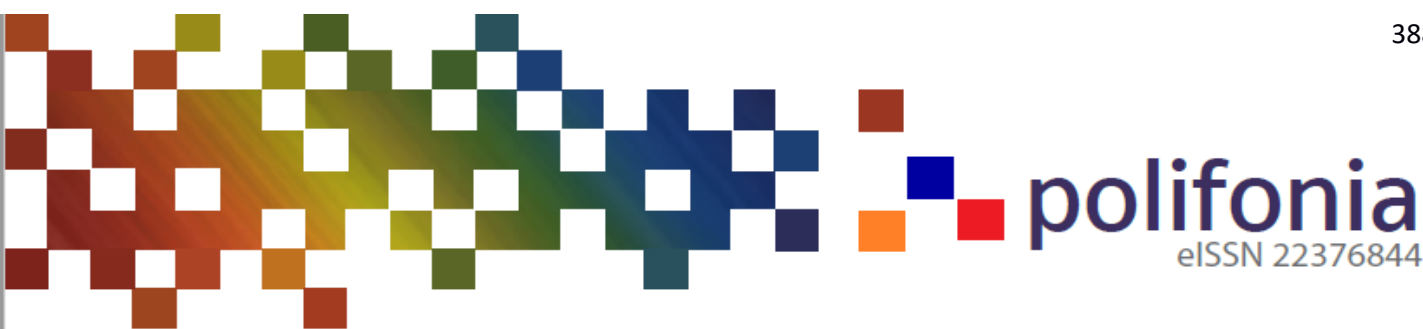
Importa-nos destacar duas assertivas a respeito: a lembrança é uma forma de axiologia e a axiologia é ideológica. Na primeira, é preciso reconhecer que as valorações são vinculadas ao tempo e ao espaço, cronotopia. Daí a observação bakhtiniana na expressão “lembrança axiológicamente ativa”. Os sujeitos estão sempre implicados, ativos, nestas lembranças axiológicas/valorativas e elas mobilizam tons/apreciações diante dos eventos de interação social, convocando, para tanto, compreensões responsivas que vão ao encontro, ou não, das lembranças axiológicas.

Já na segunda assertiva – a axiologia é ideológica – as valorações possuem uma filiação ideológica historicamente situada e editada pelas pressões sociais a que tais ideologias se relacionam. Logo, a valoração tem o “aroma” e o “sabor” das instituições que determinam as possibilidades de produção de enunciados no circuito das atividades de linguagem. Assim, o enunciado é sempre resultante de uma ideologia e esta, por sua vez, sempre será social e histórica e, por isso, não pode ser compendiada à sua face empírica nem tão pouco fechada no mundo individual do sujeito (FARACO, 2009, p. 48).

Para Bakhtin (2015, p. 66), toda atividade de linguagem como, por exemplo, a manifestação verbal socialmente significativa é determinada por tons axiológicos e “cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio”. A nossa relação com o mundo que nos cerca ocorre de maneira oblíqua, tendo em vista que nossas palavras adentram as camadas dos discursos sociais que recobrem as coisas. Desse modo, “nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p. 49).

#### 4. O gênero discursivo notícia e o Bloco Vacas Profanas

Para Bakhtin (2011), é sempre necessário considerar o panorama extralinguístico e sua relação com os enunciados para que possamos compreendê-los. Dessa forma, o projeto discursivo do gênero notícia encontra-se inerentemente definido pelas 1. condições sociais da situação de interação (a relação entre autor e leitor previsto); 2. pelo objeto do discurso (relevância temática) e 3. pela esfera social e suas relações dialógicas com outras esferas (campo de atividade).



Assim, o projeto discursivo da notícia pode ser considerado um querer-dizer de seu autor, isto é, a intenção do falante mediada pelo discurso e permeada por posições ideológicas e orientações valorativas. De modo que, convém ao jornalista – pauteiro, repórter ou editor – o crivo na definição do será publicado dentre as inúmeras informações que chegam à redação por meio de fontes públicas ou privadas. Ineditismo, factualidade, proximidade, verdade ou interesse público são algumas das características que permitem transformar um acontecimento social em notícia.

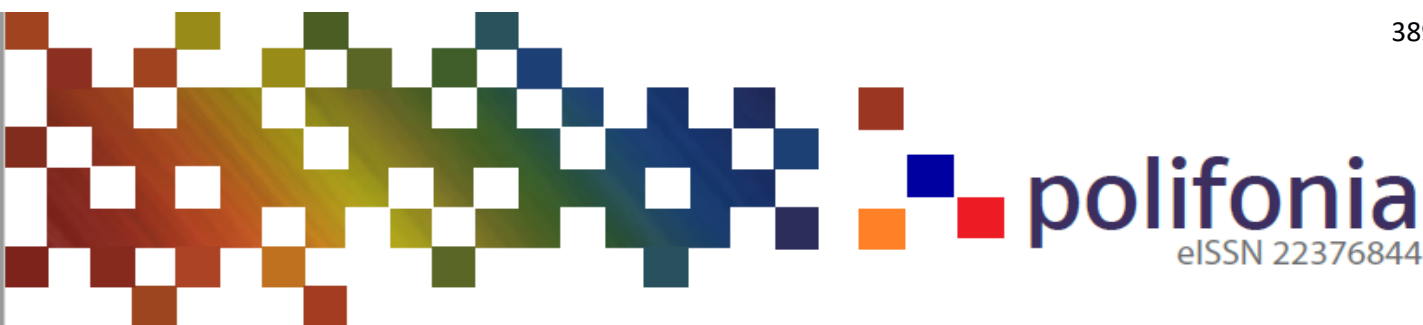
Nos termos de Erbolato (1991, p. 52), “as notícias são comunicações sobre fatos novos que surgem na luta pela existência do indivíduo e da própria sociedade”. Por seu turno, Lage (2006, p. 26) defende que “a notícia pode comover, motivar revolta ou conformismo, agredir ou gratificar alguns de seus consumidores.”, para o autor a notícia pode ser entendida “como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (LAGE, 2001, p. 54). Destacamos o uso da palavra “importante” que é acompanhada de muita subjetividade, assim como a seleção de qualquer fato, pois, naturalmente, um acontecimento será tido como relevantes por uns e outros não.

Frente ao vasto horizonte dos discursos, vinculado à variedade dos gêneros, a notícia figura como um gênero secundário, que ao incorporar os diálogos primários, após o recolhimento das informações, dará início ao processo de transformação. Eis o aspecto dialógico do gênero. Destacamos, contudo, que ainda que a notícia apresente características de um gênero “relativamente estável de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12), ela comporta variações conforme pode ser observado nas notícias publicadas em portais *on-line*.

Com o surgimento da internet, na década de 1990, o jornalismo *on-line* nasce em nosso país colocando-se como forte concorrente ao jornalismo impresso, uma vez que proporciona maior velocidade à disseminação das notícias. Machado (2001, p.09) explica que em se tratando de gênero digital esse novo conceito dissemina-se com facilidade nas redes de interação, visto que “Texto, imagem, movimento, som, tudo pode ser digitalizado e ganhar estruturalidade de um enunciado concreto, ainda que seja na realidade virtual”.

Inseridos nesse panorama de mudanças nos dizeres sócio-históricos, traçamos um breve histórico sobre o Bloco de Carnaval feminista Vacas Profanas. Criado em Recife (PE), pela produtora cultura Dandara Pagu, após o carnaval de 2015, quando a mesma usou uma fantasia





composta por uma cabeça de vaca, um short cropped com estampa de vaca e estava sem blusa, numa alusão à música *Vaca Profana*, composta por Caetano Veloso a pedido da cantora Gal Costa, e foi abordada de forma violenta por um policial por causa de sua fantasia.

Nesse momento, segundo a idealizadora do bloco, ocorreu um estalo em sua mente de que o seu corpo não lhe pertencia e ela decidiu adentrar no universo do feminismo e da luta para romper com padrões e exaltar a liberdade dos corpos. No ano seguinte, saiu novamente no carnaval, junto a outras sete “vacas profanas”, em seguida somaram-se mais cinquenta mulheres e em 2019 o bloco desfilou com mais de cinco mil participantes.

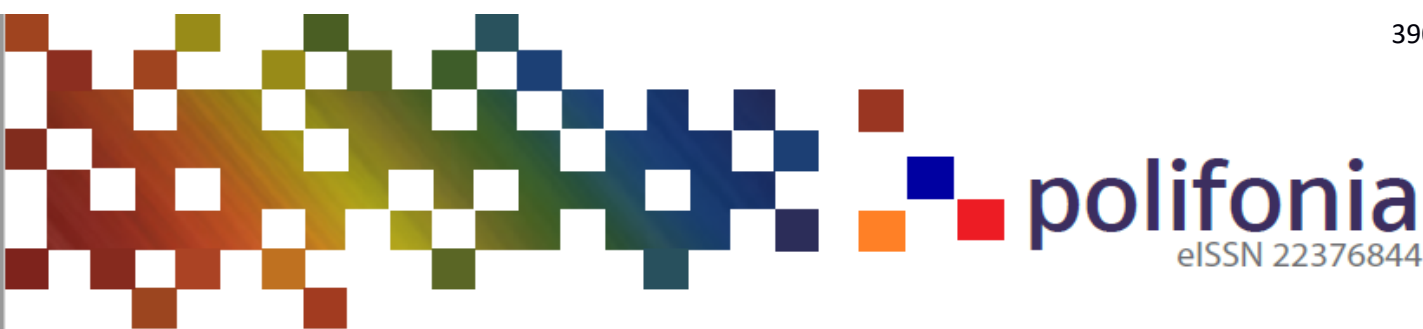
Dandara atua desde a adolescência na área cultural, envolvendo-se mais tarde com o teatro, o cinema e a música. Atualmente, faz produções de shows e atua com artistas como Liniker e Luedji Luna, além de fazer programas de televisão, trabalhar como DJ e performer. Em 2020, o bloco não obteve patrocínio porque decidiu se separar dos blocos com os quais desfilara anteriormente e que eram coordenados majoritariamente por homens, fator que afetava o protagonismo das mulheres. Para arrecadar dinheiro para custear as despesas do bloco, as integrantes venderam camisas de Tainá Tamashiro, artista gráfica.

Segundo Dandara<sup>1</sup>, a criação do bloco foi a maneira que ela encontrou de exteriorizar toda indignação e dor que sentiu naquele momento. A coordenadora acredita que o maior recado que o bloco pode transmitir é que o corpo é da mulher e não uma propriedade social, estar com os seios à mostra é uma forma de celebrar o corpo feminino e de estar à vontade com ele, indo além do aspecto social e adentrando no espectro particular de emponderamento e autoaceitação por parte das mulheres.

Isto posto, reiteramos que as mais diversas formas de linguagem constituem-se na interação sócio-dialógica e que são diversas as vozes e as valorações que atuam sobre os dizeres e os fazeres discursivos. Evidenciamos que o gênero notícia exemplifica o quão profunda é a relação do eu com o outro – de Dandara com o policial que a abordou – a ponto de os enunciados proferidos evocarem discordâncias ou concordâncias, tornando evidente o dialogismo e a ideologia de quem seleciona, escreve e divulga um determinado acontecimento social.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas de entrevistas concedida por Dandara Pagu ao site Hypeless, em fevereiro de 2018. Site <https://www.hypeless.com.br/2018/02/falamos-com-a-criadora-do-bloco-vaca-profana-que-prega-mamilos-livres-e-empoderamento/> Acesso: 03/03/2020



## 5. Que vozes e valores perpassam uma notícia?

Em nosso artigo tencionamos investigar as várias vozes constituintes do discurso jornalístico e como o processo de dialogismo aponta para a (possível) constituição da valoração e da alteridade do sujeito mulher, apresentadas nos títulos e subtítulos de reportagens acerca do Bloco Vaca Profana, que desfile no carnaval do Recife (PE), desde 2015, sendo composto em sua maioria por mulheres que lutam por respeito à sua existência. A postura das foliãs chama a atenção da sociedade mais conservadora e da mídia pois desde seu primeiro desfile as integrantes do bloco desfilam com os seios à mostra ou utilizam tapa-tetas, o que acaba por gerar muitos dizeres, favoráveis e contrários, seja nas redes sociais ou nos demais veículos de comunicação, como jornais, revistas, portais de notícias e emissoras de rádio.

Selecionamos para a análise quatro notícias de portais de comunicação *on-line*, do estado de Pernambuco, são eles: Folha Uol, G1, Folha PE e JC. Apresentamos em nossa análise os títulos e os subtítulos, referentes as notícias veiculadas pelos portais supracitados. As notícias serão apresentadas de acordo com as datas de publicação e esta organização se dá com o intuito de reconstruir a temporalidade discursiva. Vejamos:

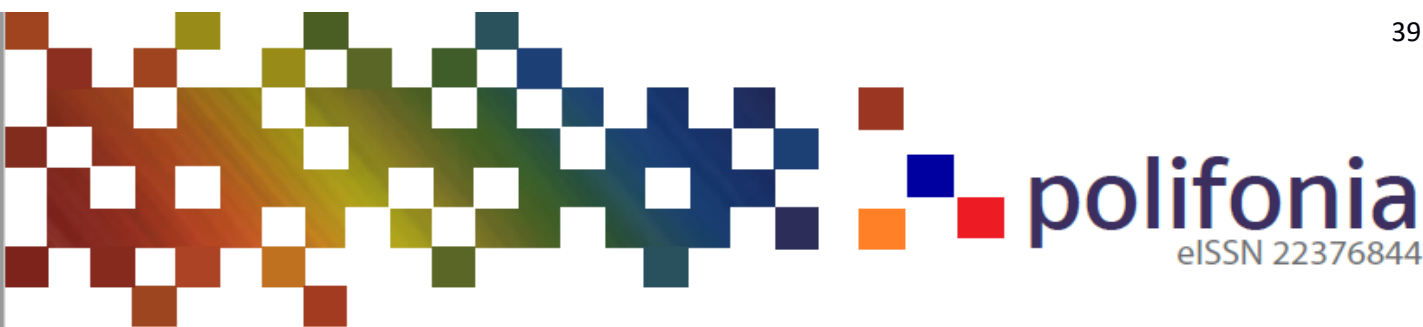
### 5.1. Notícia 01

#### *Clarissa Tércio solicita polícia no bloco Vacas Profanas*

*A deputada estadual Clarissa Tércio (PSC), protocolou solicitação para que a Polícia compareça ao evento do bloco carnavalesco “Vacas Profanas” - que desfilará na cidade de Olinda, no próximo dia 24 de Fevereiro, com saída às 13h, na Rua Dom Pedro Roser, 190, Carmo, nos festejos de carnaval - e "detenha as pessoas que cometam crime de ato obsceno, sendo inclusive levadas à delegacia para os procedimentos policiais competentes".*

(Site: <https://folhape.com.br>. Publicado em 22/02/2020. Acesso em 29/02/2020. Destaques nossos)

O título da notícia faz uso da terceira pessoa verbal com vistas a manter o distanciamento inerente ao campo jornalístico. No entanto, a escolha pela forma verbal “solicita” apresenta um tom valorativo de denúncia à ação imperativa da deputada estadual ao



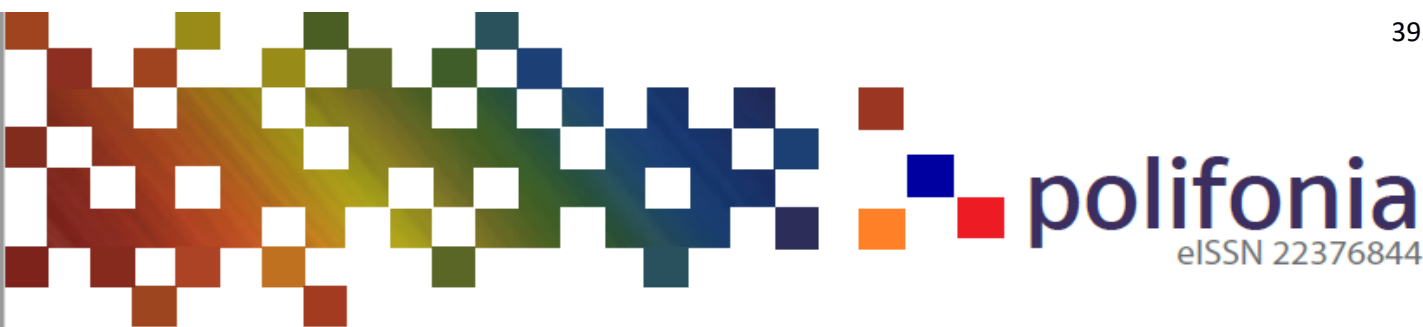
requerer a presença da “*polícia no bloco Vacas Profanas*”, já que este verbo apresenta uma carga semântica de ordenamento, insistência, busca, instigação conforme verbetes encontrados nos dicionários Michaelis e Aulete<sup>2</sup>. Bakhtin (2011, p. 238), ao tratar da oração, defende que “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”, de modo que o enunciado construído parece incitar os leitores a rejeitar a atitude de Clarissa Tércio com relação às mulheres do bloco Vacas Profanas.

Mesmo com o distanciamento pretendido no subtítulo, ao enunciar que “*A deputada estadual Clarissa Tércio (PSC)*” faz parte do Partido Social Cristão – que defende o Cristianismo enquanto um estado de espírito que não segrega e não exclui; declarado pró-vida e pró-família – as escolhas do jornalista nos permitem observar que “cada enunciado deve ser visto como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]” (BAKHTIN, 2011. p. 297), de maneira que o periodista evidencia a voz do discurso religioso que embasa a atitude da deputada e todo o apoio coral recebido por seu enunciado, existente em dois setores sociais: a comunidade cristã evangélica e a bancada evangélica que faz parte do cenário político nacional.

Além de evocar a voz da religião evangélica, a “*solicitação*” realizada exige que “*Polícia compareça ao evento do bloco*” o que faz reverberar a voz de autoridade colocada sob a instituição policial e reforçada pelo tom valorativo positivo de que esta organização apresenta tanto respaldo quanto a igreja, visto que também é garantidora da ordem social. Desse modo, mesmo se propondo à uma produção textual imparcial, o agir responsivo do sujeito jornalista frente o fato noticiado reforça que “As unidades da língua não são neutras, enquanto os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões [...]” (FIORIN, 2016, p. 26), o que tonifica a máxima dialógica de que as palavras estão em constante relação, na busca por construir sentidos e valores.

Em seguida, o jornalista traz para sua construção enunciativa a voz da própria deputada estadual. O discurso direto, com presença da primeira pessoa, é marcado pelo uso *aspas*, ou seja, é explícito e acaba por acarretar certa dramaticidade ao texto. Perpassam o enunciado de

<sup>2</sup> Consulta realizada nos sites de ambos dicionários: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=solicitar> e <http://www.aulete.com.br/solicitar>, em 26/05/2020.



Clarissa Tércio vozes distintas, tais como, a voz da legislação penal, uma vez que àqueles que “*cometam crime*” devem ser devidamente punidos; a voz da sexualidade, pois segundo a perspectiva dela estar na rua com os seios à mostra configura um “*ato obsceno*”, postura que dialoga com o machismo presente na sociedade, ao naturalizar que meninos, adolescentes e homens tenham a opção de não vestir camisa; e, a voz da autoridade policial, dado que as mulheres que infringirem a lei devem ser “*levadas à delegacia*”, de modo a serem retiradas do contexto social por representarem uma ameaça à moral e passarem pelos “*procedimentos policiais competentes*” a fim de receberem as devidas punições.

As escolhas lexicais realizadas, as vozes que permeiam as palavras e os tons valorativos presentes nos enunciados da deputada estadual Clarissa Tércio (PSC) evidenciam a alteridade existente em sua construção de sujeito mulher que se encontra sob a égide da moral cristã e da sociedade classe média alta brasileira, defensora – em grande maioria – de princípios eurocêntricos e misóginos. Tendo em vista, como nos explica Volochínov (2017, p.181), “A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano”.

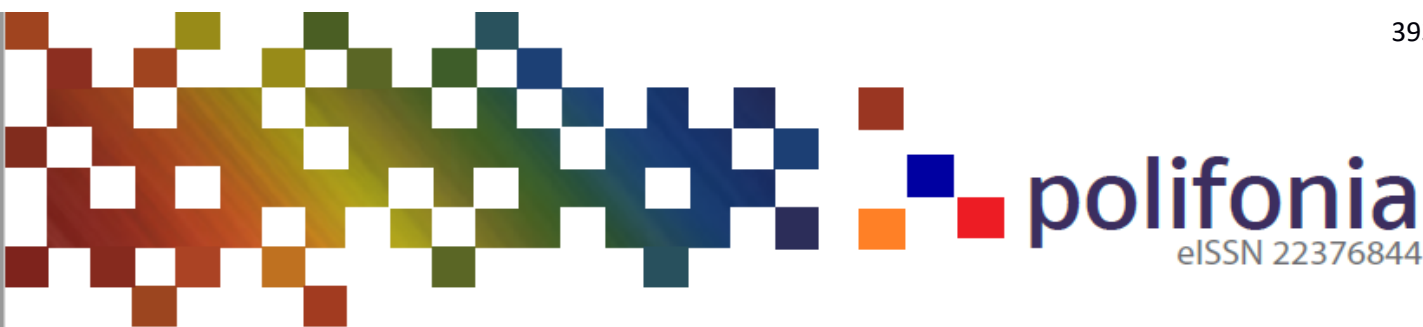
## 5.2. Notícia 02

*Apostando nos seios à mostra, mulheres dão grito de liberdade  
no bloco Vaca Profana, em Olinda.*

*Agremiação, criada por mulheres, saiu, nesta segunda (24), praticamente só com integrantes do sexo feminino, pelas ladeiras do Sítio Histórico.*

(Site: <https://g1.globo.com/pe>. Publicado em 24/02/2020. Acesso em 29/02/2020. Destaques nossos)

Nesse título, que também evidencia uma suposta neutralidade pelo uso da terceira pessoa, e mais uma vez, constatamos o discurso indireto. A esse respeito, Lage (1997, p. 38) aponta que a comunicação na esfera jornalística aborda temas que são extrínsecos ao emissor e ao receptor, de maneira que essa circunstância “impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa”. Contudo, é possível reconhecer o tom valorativo a respeito da iniciativa das integrantes

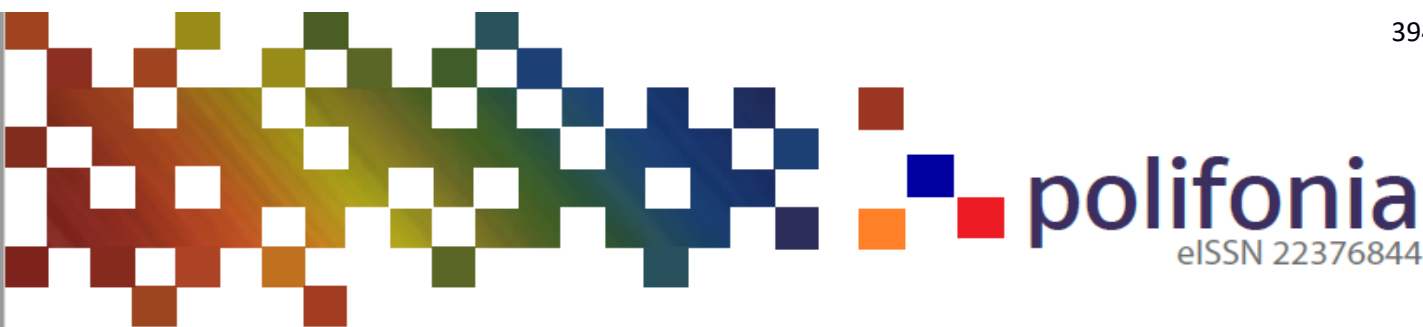


do bloco por meio do uso da forma verbal “*Apostando*”, tanto pela sua carga semântica quanto por estar em sua forma nominal de gerúndio, o que acarreta um sentido de continuidade, de desenvolvimento, das lutas feministas ao longo da história da humanidade.

Ao apostar “*nos seios à mostra*”, as mulheres que se autointitulam *Vacas Profanas* encontram forças para se constituírem alteritariamente quando infringem juntas as regras sociais de recato e pudor delegadas ao sujeito mulher desde os tempos da Roma Antiga, no qual as romanas usavam faixas para esconder/disfarçar os seios; ou na Idade Média, quando o asfixiante espartilho era utilizado para deixar a silhueta esbelta e chegou a matar mulheres por quebrar costelas ou perfurar órgãos internos. Já no século XX, a criação do sutiã, apesar de reaver o folêgo, continuou a ser um instrumento de cerceamento do corpo feminino, até que em 1968, no famoso protesto contra o concurso de Miss América e o machismo, mulheres queimam seus sutiãs num “*grito de liberdade*” contra a sociedade opressora de sua época.

Verificamos no enunciado do subtítulo a utilização da terceira pessoa verbal pelo jornalista como forma de neutralização. No entanto, percebemos na escolha do substantivo “*Agremiação*” que o jornalista parece conduzir os leitores ao valor do ato praticado pelas mulheres, dado que “uma valoração real, não se refere ao conteúdo como tal, tomado isoladamente, mas na sua correlação comigo no evento singular do existir que nos engloba” (BAKHTIN, 2010, p. 90), ou seja, o movimento de valoração por partes dos leitores ocorre quando estes ativam as memórias sociais existentes sobre a luta das mulheres, dando-lhes apoio coral.

Assim, ao evidenciar que o bloco foi às ladeiras do Sítio Histórico composto “*praticamente só com integrantes do sexo feminino*”, a voz que inicialmente se sobressai é a de um coro social que cresce a cada ano em nossa sociedade e que vem sendo estimulada cada vez mais pelos discursos nas redes sociais e diversas militâncias. Ser um grupo formado em sua maioria por mulheres revela a crescente conscientização acerca do que é ser mulher; de que os direitos civis devem ser dados igualmente aos cidadãos brasileiros; de que o corpo feminino não é uma propriedade privada e menos ainda pública, aspectos alteritários que vêm a somar na composição das identidades femininas. Dessa maneira, essas escolhas lexicais trazem para a construção do gênero notícia a responsividade do jornalista perante a perspectiva do bloco de



carnaval, posto que a palavra só encontra sua concretização quando inserida no contexto histórico real (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 192).

### 5.3. Notícia 03

*Bloco de mulheres com seios à mostra exalta feminismo libertador em Olinda.*

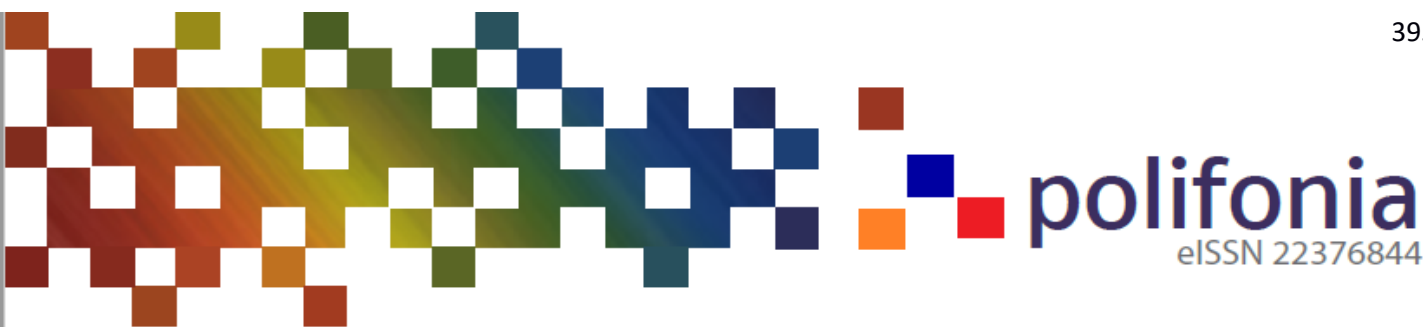
*Em um país em que os registros de feminicídio crescem enquanto o avanço do conservadorismo tenta impedir a discussão de pautas progressistas, o fato de um bloco como o Vaca Profana conseguir ir às ruas de Olinda neste Carnaval é libertador.*

(Site <https://www.uol.com.br/carnaval/2020>. Publicado em 25/02/2020. Acesso em 29/02/2020. Destaques nossos)

A construção do título utilizando a terceira pessoa do singular evidencia a suposta neutralidade que é característica do gênero notícia. Mesmo com o pretendido distanciamento é possível identificar na escolha da forma verbal “*exalta*” um tom valorativo de apoio ao “*Bloco de mulheres*” que decidem desfilar com “*os seios à mostra*” como forma de alavancar o feminismo.

Nesse contexto, vemos como relevante um cotejo sobre o feminismo. A palavra “*feminismo*” foi criada em 1837, pelo filósofo francês, Charles Fourier. Desde lá, as formas de assimilar o feminismo mudaram entre ondas, vertentes e períodos. A episteme, o conjunto de valores e verdades acerca do que é bom ou mau, não fora alterado significativamente, mas as transições temporais contribuíram para o foco do feminismo durante a história, conforme é possível constatar através de reportagens, livros, filmes e pesquisas sobre o assunto. Com isso, é possível percebermos que perpassa pelo discurso do jornalista a voz da prática do feminismo e, por meio dela, temos elementos que foram sendo reunidos ao longo da história e que contribuíram, e contribuem, para a construção da alteridade entre as mulheres.

O subtítulo da notícia também encontra-se construído através na terceira pessoa, e apesar de apresentar mais detalhes sobre o fato narrado, continua com o efeito de objetividade, visto que os acontecimentos parecem ser são narrados por si mesmos, gerando no leitor certa curiosidade, a busca por mais detalhes (FIORIN, 2016). Mesmo assim, percebemos na primeira parte do enunciado, por meio da escolha lexical, a valoração que busca denunciar o elevado



número de “*registros de feminicídio*” em nosso “*país*”, e a voz das vítimas de violência contra a mulher.

O emprego dessa voz social, historicamente estabelecida, que recebe apoio coral da sociedade, é inversamente (des)valorizada pelo “*avanço do conservadorismo*” no âmbito da política nacional que busca impedir a discussão de “*pautas progressistas*” (como a legalização do aborto, ecoveganismo, descriminalização da canabis, causas indígenas, preservação ambiental, entre outras), dando ênfase à estabilidade econômica, ao progresso, às privatizações e à meritocracia.

Já na segunda parte do enunciado, reencontramos o apoio do jornalista que figurou no título da notícia e que evoca para a leitura a voz do movimento feminista e seu histórico de resistência e transgressão aos rótulos cristalizados na sociedade no que tange ao sujeito mulher. As escolhas verbais materializadas por meio dos verbos “*conseguir*” e “*é*” revelam e reforçam a alteridade existente entre as mulheres que organizaram o bloco, foram às ruas da cidade do Recife e todas as demais, expectadoras do bloco e leitoras do portal de notícias, uma vez que “viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva” (BAKHTIN, 2010, p. 87), de maneira que, mesmo não sendo uma mulher com ideais feministas, a consciência sobre o panorama de desrespeito e violência vivenciado diariamente pela maioria das mulheres colabora para a composição da alteridade feminina.

#### 5.4. Notícia 04

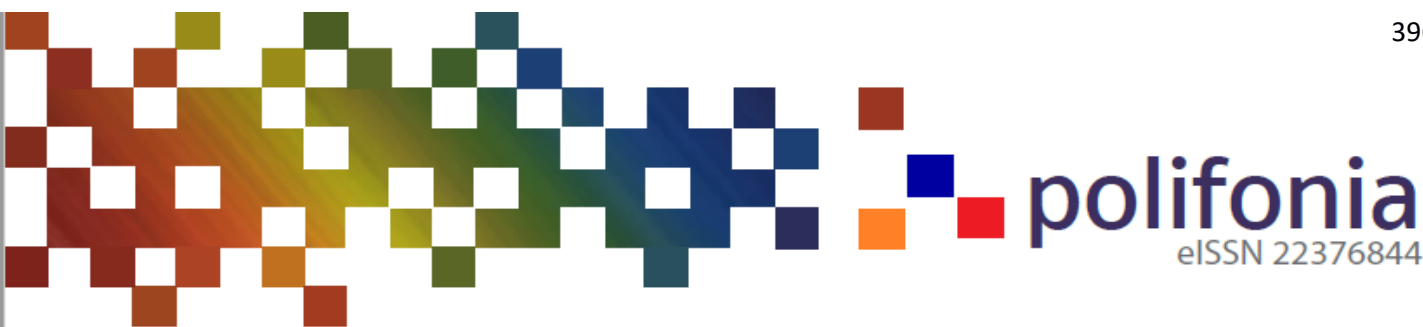
*Após chamar polícia para Vacas Profanas, deputada afirma que desfile do bloco de Carnaval foi frustrado*

*Bloco é alvo de críticas por levar mulheres a desfilarem com seios à mostra.*

(Site <https://jc.ne10.uol.com.br> Publicado em 25/02/2020. Acesso em 29/02/2020. Destaques nossos)

Antes de passarmos à análise propriamente dita, destacamos que a deputada citada no título da Notícia 04 é a mesma figura política mencionada na Notícia 01.

O título da última notícia inicia, mais uma vez, com o uso de terceira pessoa utilizado



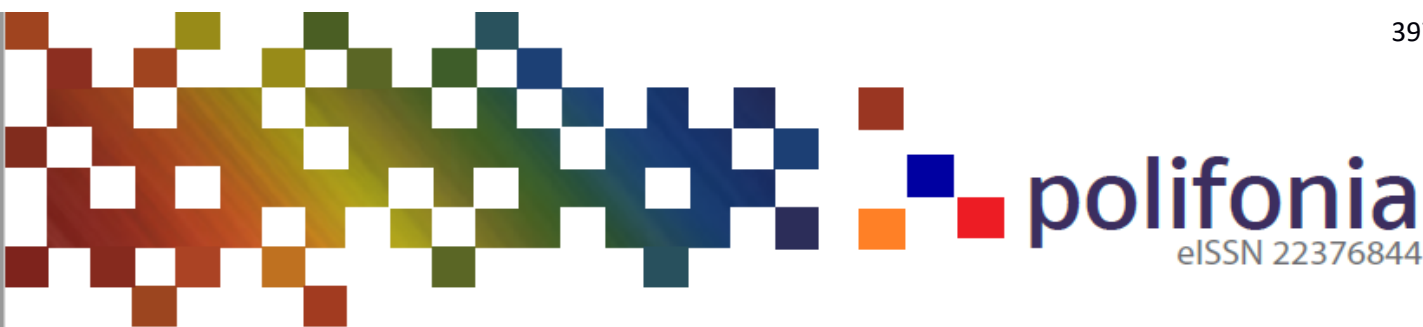
igualmente para construir o distanciamento entre o jornal e os fatos. Por meio do discurso indireto, o jornalista evoca a fala da deputada Clarissa Tércio (PSC) que invoca a voz da autoridade policial com vistas a prevenir as ações do bloco de carnaval Vacas Profanas. O uso do verbo discendi “*afirma*” explicita que a declaração seguinte é do membro do Partido Social Cristão e não do jornal, assim como a locução verbal “*foi frustrado*” que evidenciam um tom valorativo de vitória, na voz da deputada estadual, sobre o ideal construído e defendido pelas integrantes do bloco de carnaval, na medida em que este vai de encontro ao que é socialmente aceito.

Verificamos no enunciado do subtítulo a utilização da terceira pessoa pelo jornalista, como uma forma de neutralização do discurso. No entanto, ao optar pelo uso do adjetivo “*alvo*” para reportar que o bloco recebeu muitas “*críticas*”, o produtor da notícia anuncia sua responsividade frente à postura da deputada, deixando transparecer que é partidário da causa do bloco, conforme tão bem colocou Volochínov (2017, p. 140) ao esclarecer que “*toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate*”.

Ao sugerir que o bloco foi responsável por “*levar mulheres a desfilarem*”, o redator retoma a voz da falta de senso e inteligência presente nas mulheres e historicamente reforçada por práticas sociais, tais como, ser o pai ou o irmão a tomar as decisões concernentes à vida desse sujeito, e após o casamento ser o marido a assumir esse papel. Essa voz social, que encontra apoio coral em algumas vertentes da igreja evangélica, coloca as mulheres que lá estavam como sujeitos sem autonomia e autoconsciência, como se elas estivessem participando de um evento politicamente engajado sem terem realizado essa escolha conscientemente.

Por fim, chamamos atenção para a expressão “*seios à mostra*” presente em três das quatro notícias por nós selecionadas. O uso repetido do termo pelos jornalista revela-nos o quanto o corpo feminino já foi cerceado, moldado e silenciado, uma vez que, parece não ser relevante a motivação das integrantes do bloco para exporem seus seios e sim que os seios estão sendo exibidos. Esse tom valorativo presente nas notícias aponta, por um lado, que ainda existe muita desigualdade entre os sujeitos feminino e masculino, e, por outro, que há resistência por parte do sujeito mulher frente à sociedade machista e misógina. O tom valorativo e as relações alteritárias presentes nos enunciados revelam a luta das mulheres pelo direito à vida e às





decisões sobre o próprio corpo.

## 6. Considerações finais

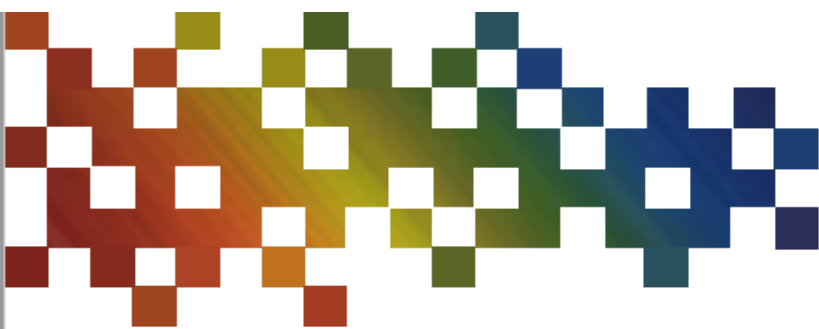
A análise por nós empreendida das notícias veiculadas sobre o bloco Vacas Profanas, que desfilou no carnaval do Recife (PE), em fevereiro do corrente ano, ressaltam o princípio de que a linguagem não é neutra e que as escolhas realizadas desvelam o dinamismo e a mutabilidade da língua, cujos sentidos são múltiplos e acontecem por meio do dialogismo, de maneira que frente à diversidade, diversos são os fios ideológicos que perpassam os dizeres.

Destacamos que as escolhas lexicais, verbais, tipológicas, e até tipográficas, estão sempre a serviço das relações dialógicas, com o objetivo de ratificar os enunciados anteriormente proferidos. Ao enfatizar que as integrantes do bloco desfilaram no carnaval com os seios à mostra, os posicionamentos axiológicos dos jornalistas e suas atitudes responsivas frente ao fato noticiado são evidenciados, contrariando a máxima de que o discurso jornalístico é imparcial.

Constatamos, ainda, que o espaço *on-line* é responsável por garantir agilidade à divulgação dos fatos ocorridos em sociedade, ao propagá-los para outros espaços, a exemplo das redes sociais, subsidiando a produção de notícias nos diversos veículos de informação. Tais como o rádio, a televisão e os jornais impressos. Assim, compreendemos que o gênero notícia é imanentemente dialógico, já que reflete uma multiplicidade de vozes interdependentes e permite a interação com o leitor.

Ante o prisma da dialogia, uma mistura de vozes constitui a notícia. De forma que, nenhuma escolha é vã, posto que os fios ideológicos, relativamente marcados, entrelaçam-se nas tramas narrativas que são lidas, reproduzidas e propagadas, diariamente. As vozes sociais que aí se encontram são ora consoantes ora dissonantes aos pontos de vista do leitor, fazendo com que a notícia seja bem ou mal recepcionada, encontre ou não eco nas vozes que ressoam no próprio leitor.

Isto posto, observamos que mesmo com a presença da terceira pessoa na materialidade das notícias analisadas, como objetivo de construir o distanciamento dos fatos relatados, foi possível identificar as diversas vozes que permearam a construção desse gênero, pois o



enunciado realiza-se em consonância com outros que vieram antes dele e aponta para dizeres futuros.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas paulo Bezerra. Nota da edição russa de Serguei Batcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2001.
- MACHADO, Irene. Digitalização. Linguagem. Discurso. As mediações dialógicas possíveis. *Lumina*. Juiz de Fora – Facom/UFJF. v. 4, n. 2. p. 19-48, jul/dez 2001.
- VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.